O DEMOCRATA

AVENÇADO

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 40.º — N.º 1996

Sábado, 7 de Junho de 1947

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

A RENOVAÇÃO DA MARINHA MERCANTE

Dispôz, últimamente, o Govêrno da Nação da avultada soma de um milhão de contos a título de empréstimo, para que se renove e desenvolva a nossa Marinha Mercante.

Ninguém hesita um momento em dar o aplauso a tal medida, pois todos sabemos a importância que o problema tem para o País. E não desconhecemos também que uma das grandes dificuldades que, durante o prélio mundial, nos assoberbou foi a falta de transportes. Essa a principal razão que nos levou a sentir, mais acerbamente, as consequências da Guerra.

Para uma Nação como a nossa, que detém o terceiro império colonial do Mundo, impõe-se a criação duma frota mercante, que baste às necessidades do País.

Para isso, urgente se tornava olhar com atenção o apetrechamento dos meios de circulação entre Portugal e as suas Colónias, dum modo particular, e com os outros países, em geral—pois que tal circulação é base, a mais importante, da vida e do progresso dos povos. Da necessidade de curar da Marinha Mercante, há muito se tinha apercebido o nosso Governo, que, depois de alguns anos a esta parte, vem tratando, cuidadosamente, do problema. De facto, as deficiências de transporte que, já antes da Guerra se faziam notar, atingiram a culminância durante o conflito e, segundo expressões emanadas do Ministério da Marinha, foi *confrangedor o montante de trezentos e nove mil contos atingido pelas despesas efectuadas, nos últimos cinco anos, com a reparação e conservação de velhos navios!*

Isto, porém, não impediu que houvesse ainda *prejuíso, só em 1944, de cento e vinte mil contos em fretes,* a mais, *aos navios estranheiros, que foi possível fretar* do que aquilo que se despenderia, pelos mesmos transportes, em navios portugueses.

Nestas circunstâncias, impunha-se, absolutamente, que se cuidasse do problema com o máximo interesse. O Governo compreendeu a gravidade do caso e, além das medidas anteriormente tomadas, como a criação da Junta da Marinha Mercante, tendente a concentrar esforços e directrizes para a sua melhor solução, iniciou uma política de activa execução, no sentido de desenvolver a nossa frota. Dessa política, começam já aparecendo os primeiros frutos e, dentro em pouco, poder-se-á verificar que a nossa frota estará enriquecida com novos navios, de maior velocidade, mais económicos e com uma tonelagem total que permita enfrentar uma normal exploração, correspondente a 60 %, pelo menos, das nossas necessidades globais de transporte.

Está sendo executado já um plano de reconstrução, e por ele se conclui o seguinte: construções a realizar até 1950—69 barcos com 350.000 toneladas, em estaleiros portugueses (9 barcos mistos, 4 tanques, 45 barcos de carga e 12 de outros tipos); 27 barcos a construir em estaleiros estrangeiros (4 mistos, 17 cargueiros, 2 petroleiros, 4 fruteiros), todos num total de 206.000 toneladas.

E' uma perfeita aura de renovação da nossa marinha, como se os espíritos benfazejos de D. Diniz e de D. Fernando, do Infante D. Henrique ou de D. João II, estivessem inspirando esta restauração.

Portugal, país marinheiro, com extensíssimos territórios ultramarinos, sabe quanto vale os seus domínios, como eles podem ser fonte de riqueza e de prosperidade, para a Metrópole, e não pode consentir que tais riquezas vão beneficiar outros povos, em detrimento do seu próprio progresso.

E isso seria inevitável, se não houvesse desenvolvidas comunicações com as colónias, que têm, actualmente, largas relações comerciais com o estrangeiro.

As exportações e importações ultramarinas estão enriquecendo outros povos, em prejuízo de milhares de trabalhadores portugueses, que ali poderiam encontrar trabalho. Só com uma grande marinha, portanto, é que pode solucionar-se tão magno problema.

Nesse sentido, foi instituido o Crédito Marítimo, com a colaboração do Ministério das Finanças, facultando às empresas de navegação capitais a baixo juro.

Foi, também, ampliada e remodelada a Escola de Preparação do Pessoal da Marinha Mercante, para que não faltem os tripulantes suficientes, e com a preparação necessária, para os nossos barcos. Poderemos, enfim, ver que todos os meses virão enriquecendo a nossa frota novos navios, construidos em Portugal ou no estrangeiro.

E vários são os barcos que, presentemente, sulcam as águas dos oceanos, realizando viagens entre a Metrópole e o Ultramar.

A recente chegada ao Tejo do magnifico navio *Moçâmedes*, fabricado em estaleiros ingleses e propriedade da Companhia Nacional de Navegação, é já uma prometedora realidade e uma agradável efectivação do que será, dentro em pouco, a nossa frota mercante.

O sr. Presidente do Conselho, visitando o barco à sua chegada a Lisboa, quis manifestar, com a sua presença, o especial cuidado que lhe merece, e ao Governo, o ressurgir da Marinha Mercante, que poderá, assim, unir, cada vez mais, as terras de Portugal que, conforme dizia o Épico, está pelo Mundo em pedaços repartido.

M.

Dr. Mário Duarte

Continua a ser homenageado no Brasil, onde exerce as funções de consul de Portugal em Pernambuco, o nosso estimado conterrâneo e querido amigo, a quem a colónia portuguesa de Campina Grande recebeu festivamente em meados de Dezembro do ano anterior, como tivemos ocasião de noticiar, e agora nos é lembrado por intermédio duma separata da reportagem então feita nas colunas dum jornal daquela cidade, cognominada de *Princesa do Sertão.*

Congratulamo-nos pela maneira como Mário Duarte e sua esposa são recebidos em tôda a parte onde se deslocam e agradecemos todas as honras prestadas pelos brasileiros a quem tanto eleva o nome de Aveiro pelos predicados que os dois esposos reunem.

Novos peixes

Começaram a vir da América para abastecimento dos alfacinhas. São quáse todos de nomes exquisitos, excepto o bacalhau fresco e o badejo, muito conhecido no Minho, onde aparece com fartura, sendo apregoado pelas ruas de algumas localidades.

Por enquanto existe certa confusão. Mas desde que sejam saborosos, como dizem, o nome é o menos: alguém se há-de encarregar da tradução para português...

E então fritos, cozidos, assados, em filetes ou de caldeirada—marcham!...

O vinho

Sofreu também uma baixa de 40 centavos em litro, nas tabernas, mas não é isso que mais interessa a certos fregueses acostumados a vê-lo subir...

A descida foi brusca e sem prévio aviso. No entanto todos a aceitaram de bom grado...

Oxalá continue.

Sanguessugas

Mais 4.000 seguiram para a América, de avião.

O que nos faz espanto é que ao noticiarmos a penúltima remessa, nem aos *Ridiculos,* nem ao *Sempre Fixe,* nem a qualquer outro jornal com pretenções a humorista, tivesse chegado o número do *Democrata* onde chamámos a esses animais aquáticos *vertebrados!* Isso é que nos admira. Porque, tendo-o feito de propósito, estavamos a preparar-nos para uma gargalhada logo que os *sábios* saissem a terreiro...

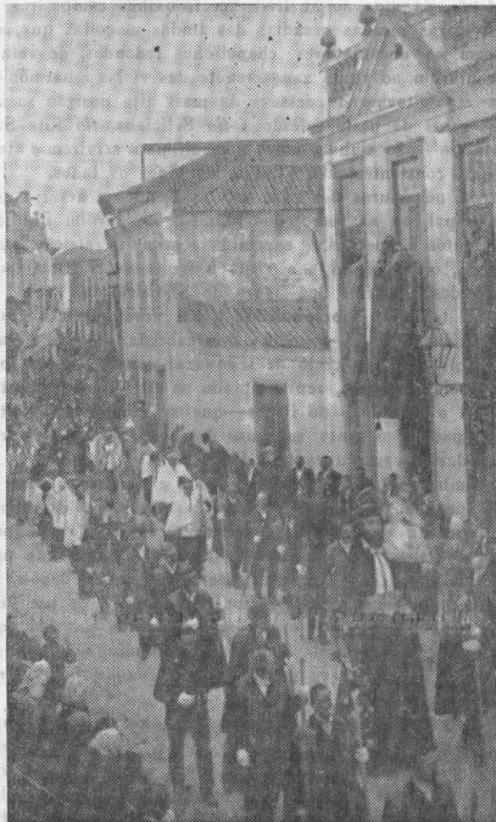
O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Tempos passados...

O Corpo de Deus Real, em Aveiro

O dia marcado pela Igreja para a comemoração anual do corpo de Deus, era o dia santo mais respeitado e o mais festivo de Aveiro.

A festa religiosa, a que assistiam a Câmara com o seu rico estandarte e as autoridades civis e militares, a procissão e as ornamentações das ruas, tudo feito a expensas do município, que no seu orçamento não deixava de inscrever avultada verba para êsse efeito, eram excepcionais e atraiam à cidade milhares de pessoas, vindas não só das aldeias circunvizinhas, como de distantes localidades do distrito.

Era uma festa própriamente da terra e do concelho, e para o seu luzimento concorria tudo quanto em Aveiro se contava de mais categorisado e representativo.

UM TRECHO DA PROCISSÃO AO PASSAR NA RUA DIREITA, VENDO-SE O S. CRISTÓVÃO NO PRIMEIRO PLANO

Três ou quatro dias antes começavam os ornamentistas a abrir, nas bermas das ruas por onde devia passar a procissão, os buracos em que seriam cravados os mastros para os galhardetes, bandeiras e escudos com as armas da cidade ou fantásticos brazões, servindo ao mesmo tempo de encosto e suporte às colunas de ripadilho e serapilheira, pintadas em vivas côres e com excentricos ornatos, sôbre as quais eram colocados vasos com flores ou figuras alegóricas de enigmática significação.

Ligados entre si por grinaldas de verdura e flores, neles se apoiavam, atravessando a rua, os arcos de madeira recortada em caprichosos desenhos.

Na noite da véspera, o junco verde, cheirando a maresia e transportado em grandes barcadas dos lameiros da laguna, era profusamente espalhado pelas ruas ornamentadas, e ao qual se juntava a espadana, a murta, a erva doce e outras plantas odoríferas, formando tudo um piso suave e perfumado, agravável à vista e à pituitária dos inumeros transeuntes, que logo de manhã começavam a percorrê-las. E assim, na quinta-feira do Corpo de Deus Real a população aveirense acordava ao som dos alegres repiques dos sinos camarários—em que o velho Miguel Rebelo era exímio—e do estralejar dos foguetes confeccionados pelos irmãos Parrachos.

Das terras próximas apareciam, a pé, os primeiros grupos de aldeões e pela ria chegavam, vindos das povoações ribeirinhas, barcos carregados de gente, que durante o dia se movimentava pela cidade e à qual se jun-

A crise administrativa de Espinho

De há muito que precisa intervenção salutar visto dela depender o prestígio e o progresso do concelho. Acompanhamos, por isso, *Defesa de Espinho* nos seus anseios, que devem ser os de todos aqueles que, desinteressadamente, se dedicam à causa pública, com vontade de lhe serem uteis e às instituições que servem.

Pelo Liceu

Foram nomeados vogais dos júris dos Exames de Estado dos candidatos ao magistério liceal a realizarem-se em Coimbra, os professores Orlando de Oliveira e Euclides de Araujo, que prestam serviço nesta cidade.

Visitai o Parque da Cidade

"O Democrata,, e a opinião pública

Este jornal esgotou-se a semana passada, mais uma vez, devido à procura que teve nos locais de venda avulso. Não admira, porque o caso da Costeira continua a interessar vivamente a cidade, que o discute, o aprecia e dele se ocupa em toda a parte—longe, até—como os leitores verificarão por outra carta recebida a atestar o valor da nossa campanha, e que segue:

Lisboa, 1/6/947

Sr. Arnaldo Ribeiro e meu prezado Amigo:

Foi-me entregue pelo correio um recibo de 30$00 da assinatura do *Democrata* respeitante ao período de um ano, que deve terminar em Julho próximo.

Paguei e hoje remeto, em vale, mais 15$00, perfazendo, assim, o total de Esc. 45$00.

Acho demasiadamente pequena aquela quantia em relação ao valor do jornal e, por isso, fora da razão e da boa lógica que um aveirense pague apenas os 30$00 da praxe, pela assinatura anual dum semanário que é hoje o único paladino dos interesses da sua terra. Leio sempre atentamente os apelos que o *Democrata* faz para sair da crise em que se encontra.

Se bem que discorde até certo ponto, da sua orientação política, nem por isso esse jornal deixa de me merecer o melhor acolhimento, ser recebido com entusiasmo e lido com avidez.

Velho assinante e leitor desde a sua fundação, vejo nele o campião dos interesses da minha terra e estou certo de que nenhum aveirense lhe regatearia os 50 % de aumento da assinatura, uma verdadeira bagatela, mesmo para aqueles que vivem do seu modesto e parco vencimento.

Ponha em prática o meu alvitre e o sr. Arnaldo Ribeiro verificará o aprazimento e o carinho que lhe dispensam. De futuro pode a administração do jornal enviar-me o recibo com esse aumento e apelo para o bom critério de todos os aveirenses seus assinantes a quem lembro a necessidade de dar uma existência desafogada ao jornal que desde sempre tem lutado pela defesa do interesse da cidade e os seus habitantes.

Urge facilitar-lhe os meios de obter uma vida próspera, mormente no momento actual, em que a sua acção tão necessária é na luta contra aqueles que por Aveiro não sentem o mais pequeno afecto e só têm em mira servir a sua vaidade balofa e dos seus caprichos.

E se os jornais diários subiram de preço por ser difícil a vida que atravessavam, qual a razão por que essa subida não deve abranger, tambem, os semanários? Nada há que o justifique.

Tenho lido com profundo alvoroço os artigos do Dr. Alberto Souto sobre o plano urbanístico de Aveiro.

Lamento que os seus alvitres não sejam aceites, quando eles só revelam inteligência, bom senso, visão clara, patriotismo, vontade de progredir e acompanhar o desenvolvimento que a maior parte das cidades de província têm tomado nos últimos anos.

Mas Aveiro tem sido uma terra infeliz. Dotada de condições especiais como nenhuma outra, duma beleza típica que encanta e fascina, podia ser um grande centro de turismo e não o é.

O vandalismo que pretendem praticar na rua da Costeira brada aos ceus e enche de tristeza os filhos dessa terra. Parece que uma onda de desvairo domina certos cérebros obrigando-os a pensamentos que a inteligência e o bom senso condenam em absoluto.

Essa ideia de destruir a Costeira quando a cidade tem tanta coisa a pedir camartelo, só pode sair de espíritos doentios que muito necessitam da intervenção dum bom psiquiatra.

E como ficaria depois o largo de José Estêvão? Não faço ideia nenhuma.

Dizem-me que o Jardim Público parece, actualmente, uma praia de banhos; que as árvores desapareceram todas ou quási todas; que já não há o culto das flores; que os seus belos portões e grades que o circundavam e defendiam, noutros tempos, do rapazio e frequentadores perniciosos ou inconvenientes, foram levantados.

Não vou a Aveiro há vinte e seis anos e horroriza-me a ideia de lá voltar um dia, deparando-se-me tal estado de coisas, o que muito me desgostaria. Noutros tempos o seu Jardim Público era um encanto. Com que prazer pelas manhãs amenas da Primavera e tardes de estio, lá passeavam as melhores famílias da cidade, contemplando os magníficos canteiros de belas rosas, cravos, cinerárias, amores perfeitos, etc., etc, que a devoção do *António da Pera*, jardineiro primoroso e exímio, caprichosamente apresentava!

Que ordem! Que técnica! Que bom gosto! Que culto pela flôr a pela árvore!

Já lá vão trinta e tal anos e nesse tempo o jardim de Aveiro suplantava o de Coimbra onde as flores rareavam e a arte e o bom gosto ficavam a perder de vista ante a elegância e a policromia do nosso jardim.

Punge-me o coração saber que a obra do Dr. Lourenço Peixinho não é apreciada com a justiça a que tem incontestável direito e que a ingratidão impera, lançando ao ostracismo a memória do inclito cidadão a quem Aveiro tanto deve e que além dum lídimo caracter, foi sempre um lutador intemerato pelo prestígio e progresso da sua terra.

Todos os aveirenses se deviam curvar perante a memória dêsse Homem e erigir-lhe no coração um monumento de pura e sincera veneração.

Em Aveiro os homens de hoje são uns pigmeus que nada podem nem nada valem ante a gigantesca personalidade dum Dr. Lourenço Peixinho ou dum Gustavo Ferreira Pinto Basto a quem a cidade, também, muito e muito deve.

Mas, sr. Arnaldo, é necessário que o *Democrata* não desfaleça e continue a honrar a memória daqueles que serviram a nossa terra com estoicismo, com amor e com abnegação.

E' indispensável que Aveiro caminhe e mostre ao mundo inteiro as suas incomparáveis belezas; que se urbanize e enfileire ao lado das primeiras cidades do país sem, todavia, se cometerem excessos que só prejudicariam a estética que a sua privilegiada posição geográfica lhe imprime.

Haja bom senso, competência, previsão e amor pela terra nos homens que a conduzem!

Escutem atentamente as lições do Dr. Alberto Souto e sigam os seus conselhos; prestarão dessa forma um relevante serviço à cidade.

Desculpe-me pelo tempo que lhe tomei e queira dispor sempre do que se subscreve com muita consideração e apreço

Amigo m.to obg.

ALBERTO JOSÉ DA FONSECA

Agradecemos ao nosso velho amigo, a quem não vemos há mais de 30 anos, a maneira como se nos dirige, para pôr em foco os dois casos que aborda: as dificuldades com que lutamos para a manutenção do jornal e o seu incondicional apoio ao que aqui se tem publicado sobre a transformação da Costeira, a irem ávante os projectos urbanísticos que a Câmara aprovou. Enquanto ao jornal mantemos a atitude em que ultimamente assentámos—só pedimos aos nossos assinantes o pagamento adiantado para que o equilíbrio da receita com a despesa não embarace a administração, levando-a a contrair empréstimos. Tomamos, no entanto, nota do gesto do nosso conterrâneo Alberto José da Fonseca. O que o *Democrata* seria se recursos tivesse para gastar em papel, gravuras e no mais! Mas basta o que lhe temos dado em trabalho, em sacrifícios e dinheiro—tantas dezenas de contos!—para o manter durante os 40 anos da sua existência—muitas vezes atribulada—de modo a manifestarmos o maior orgulho perante a carta do aveirense que nos escreve e aplaude, chegando a confundir-nos.

Enviamos-lhe um abraço cheio de reconhecimento.

tavam outros forasteiros que, de terras mais distantes, vinham pelo caminho de ferro ou em veículos de tôda a espécie de tracção animal.

Por tôda a parte, em todas as ruas e largos, havia vida e regosijo! A alegria e a satisfação mostravam-se em todos os rostos, tanto nos queimados pelo sol ardente, na vida ao ar livre em trabalhos campestres ou marítimos, como nas caras rosadas e sádias das lindas moçoilas que, em trajos garridos, e com os encantadores chapelinhos redondos, de veludo preto, dançavam e cantavam ao ritmo zangarreante das violas e harmónios.

As hospedarias regorgitavam de pessoas da mais alta posição social, e as mais modestas casas de pasto—desde a *tia* Feliciana, *tia* Rita Salgueira, ao *Zé* Serralheiro—não tinham mãos a medir para servirem e atenderem os fregueses que, constantemente, afluiam de todos os lados.

Dentro dos barcos, nos muros dos cais, sob as frondosas árvores que havia no Largo Municipal, ou na sombreada alamêda do Jardim Público, abriam-se os farneis lautos e apetitosos, e comida a primeira refeição, sempre farta e bem regada, era obrigatória a visita à igreja de S. Domingos, onde estava exposta a descomunal e ôca figura do S. Cristóvão.

A enorme cabeça do santo sobrepunha-se a um grande tronco enrocado, vestindo uma batina de baeta vermelha com cabeção largo da mesma côr, e apertada na cintura por um cinto de seda azul celeste, tendo por fecho uma enorme fivela de prata, representando as Armas Reais Portuguesas, através da qual o bom João do Padre—que se encafuava no interior das vestes e transportava o santo suspenso dos seus robustos ombros—via o caminho que devia seguir durante a procissão.

Sustentando no ombro esquerdo o Menino Jesus e na mão direita, à laia de bordão, um pequeno tronco de pinheiro, a alta figura do *Santo Grande*, como popularmente era conhecido, causava admiração e impunha-se à consideração dos fieis, que não lhe regateavam oferendas de pão de milho ou trigo, toucinho, chouriço, etc. géneros estes que, depois de benzidos com uma imaginária cruz que da fronte ao peito e de um ombro ao outro era traçada na figura do santo, eram divididos em três quinhões: um para os presos da cadeia da comarca; outro para a igreja e o terceiro para o oferente, que o levava para casa e o comia—para abrir o apetite...

Cumprida esta devoção, uma outra visita se impunha: à igreja paroquial da Vera-Cruz, onde, sôbre um cavalete de pinho, se acavalava, em atitude guerreira, a figura de S. Jorge, hirta e firme, vestindo um curto saio listado e brilhante cota de malha, de elmo emplumado e viseira levantada, e os pés calçados em finas botas de cordovão vermelho, armadas de grossos e luzentes acicates.

Pelas duas horas da tarde, iniciavam os sinos das igrejas a chamada das várias irmandades, que a pouco e pouco se iam reunido nas sedes das respectivas confrarias.

Ao Largo da Apresentação, chegava, conduzida por soldados de cavalaria em grande uniforme, a montada do santo, um lindo e manso cavalo branco, ricamente ajaezado e de cabeça empenachada, sôbre a sela do qual era atarrachada e se escarranchava a figura de S. Jorge, a cujos estribos seguravam dois soldados do regimento de cavalaria, para manterem o santo em equilíbrio durante a marcha pelas ruas, enquanto êste, de lança na mão direita e suspenso do braço esquerdo um esquartejado escudo de espelhante cristal, segurava com esta mão as redeas do corcel, guiado, aliás, por dois soldados.

No séquito de S. Jorge figuravam, além dos cavalos de combate, cobertos por ricos xaireis, o porta bandeira personificado pelo corpolento Rebôlo, popular corrector do antigo Hotel Central, em trajo de cavaleiro tauromáquico, casaca de seda bordada, calça branca, tricórnio e altas botas de montar; como pagem do santo o refilão e atrevido João Diabinho quando não era outro, e com a cara mascarada de preto o barbudo José Maria Ferrador, que ostentavam uma indumentária indefinível, ao capricho da sua imaginação.

A concentração fazia-se na antiga igreja da Sé e dali partia o cortejo, que percorria as principais ruas das duas freguesias da cidade, voltando novamente à Sé, onde se dispersava.

Na procissão tomavam parte todas as irmandades da cidade com as suas respectivas insígnias, as duas boas filarmónicas que aqui havia, e a charanga do regimento, a cavalo, e a extensão do cortejo excedia, por vezes, um quilómetro.

Sob o pálio, que era levado por um grupo de mordomos, de calção, meias de sêda e sapatos com fivelas de prata, a pessoa alta e imponente do Bispo-Conde de Coimbra, D. Manuel de Bastos Pina, acolitado por numerosos eclesiásticos, e atrás, em lugares de honra, figuras como a do governador civil, Visconde de Alenquer, Manuel Firmino de Almeida Maia, presidente da Câmara, com os seus colegas vereadores, de casaca, banda e vara, e o rico estandarte municipal; magistratura, Manuel Luís Mendes Leite, capitão do porto, Miguel de Araújo, delegado do tesouro, Francisco Regala, reitor e professores do liceu, e tantos e tantos outros que marcaram a sua personalidade na vida política e social desta cidade.

Fechava o cortejo o regimento de cavalaria 10, na sua máxima fôrça disponível, levando à frente, o seu comandante e tôda a oficialidade, em grande uniforme.

Enquanto pela tropa eram prestadas as honras a S. Jorge com três descargas dadas no Largo do Terreiro, na Câmara Municipal era servida a costumada merenda de morangos, cerejas, dôces e vinhos finos, que a vereação oferecia às autoridades locais e convidados de categoria.

Era assim o dia do Corpo de Deus Real, que na quinta-feira passada—ante-ontem—decorreu quási despercebido de todo.

Que grandioso cortejo!

Que imponente procissão!

E que alegria por tôda a parte, desde manhã cêdo ao pôr do sol!

Bom tempo, que não volta mais...

P. ALVARENGA

IMPRENSA

Arquivo do distrito de Aveiro

O n.º 48, que acaba de sair correspondente ao último trimestre do ano de 1946, ocupa-se dos seguintes assuntos:

A capela dos Lemos da Trofa, por Augusto Soares de Sousa Batista; *Nas vésperas de 5 de Outubro*, por José Tavares; *Couto e julgado de Antuã*, por Lopes Pereira; *O aveirense Aires Barbosa, o italiano Pedro Martir e a sifilis*, por Alberto da Rocha Brito; *Vidais do Rossio da Arrancada*, por J. S. de Sousa Batista; *Romaria de Nossa Senhora da Saúde da Serra*, por José Tavares; *Subsídios para o estudo das formações geológicas do Distrito de Aveiro*, por Gaspar Soares de Carvalho; *Bibliografia*. Indice alfabético dos autores do volume XII.

As comemorações centenárias

Realizou-se, no domingo, com desusado brilho, o cortejo dos municípios que em grande apoteose foram saudar o da capital, solidarisando-se na celebração do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros.

Representando a Tomada de Lisboa um dos mais fortes alicerces em que assentou o nascimento da Pátria, torna-se bem compreensível o unanime desejo, que era dever, de todos os municípios cruzarem as várias estradas do Império a caminho da capital.

E tanto no cortejo, com a representação de trezentos municípios continentais e ultramarinos, como na sessão solene levada a cabo na Câmara Municipal, ficou bem demonstrada a sinceridade desse desejo.

Portugal inteiro sentiu-se, assim, irmanado e desfilou, comprovando a unidade do seu destino.

Os carros alegóricos, os trajos regionais, característicos, os estandartes vistosos, a graça e a alegria e a vitalidade de todas as províncias, revelaram uma vez mais a alma de Portugal e encheram o espaço de estranha alacridade, e, como num painel sem fim, animado, colorido, sonorisado, deslisaram paisagens e costumes e cantares. E, também, muitos símbolos de trabalho.

Do Minho ao Algarve, de Lisboa a Dili, gentes brancas e gentes de côr, evocaram a História de Portugal na sua unidade secular e na sua expressão expansionista.

Por isso foram saudados, com devoção patriótica, os municípios do Império que foram saudar Lisboa.

Não há dúvida que o povo bem compreendeu o alto significado da visita e, a comprová-lo, está, mais do que as palavras que sôbre tal espectáculo pudessem escrever-se—a apoteose inesquecível oferecida pela multidão.

Ficará na memória de quantos assistiram ao desfilar do cortejo, mais do que a sua policromia, o seu valor simbólico. Foi, realmente, uma parada nacional, talvez a maior que até hoje se realizou e a mais expressiva pela mensagem de paz e fraternidade que traduziu.

* * *

A Câmara de Aveiro, fez-se, também, representar acompanhada dum carro alegórico com um friso característico de tricanas, marnotos, salineiras, pescadores, barqueiros e inclusivamente um *parceiro* das típicas *entregas de ramos*, fazendo sucesso. E como os diários noticiaram que levou e ofereceu à sua colega olissiponense uma rica peça de cerâmica das Fábricas Aleluia, obriga-nos a esta pergunta, que também é um reparo—porque não se expuzeram as duas coisas, antes de seguirem o seu destino, para serem admiradas pelos aveirenses?

Desculpem, mas nunca pertencemos ao número dos que pagam e não bufam...

Uma carta

—o—

Aveiro, 4 de Junho de 1947

...Sr. Arnaldo Ribeiro:

Tendo no dia 2 realizado uma conferência sôbre a Educação e Cultura da Mulher *a Ex.ma Senhora D. Armanda Abrantes Saraiva, na séde da L. A. C. F. e havendo encantado a todos quantos a ouviram, um grupo de senhoras de Aveiro quere fazer-lhe a surpresa de esta notícia vir no seu jornal e nós o sr. Arnaldo Ribeiro pedir para, sendo possível, ela ser repetida ainda êste mez.*

A casa estava cheia; mas aconteceu que muitas pessoas teem o desejo de a ler ou ouvir novamente.

No encerramento das contas da nossa Liga, será enviado a êsse jornal alguma coisa.

Por um grupo de senhoras,

AIDA AUGUSTA SOTTO MAYOR

Pelo Teatro

A Companhia do Teatro Avenida, de Lisboa, de que faz parte a atriz Maria Matos, que ainda o mês passado aqui veio represenrar, volta hoje, novamente, ao palco do Aveirense com a peça *Ana Cristina*, em 4 actos, original de Eugénio O'neill e traduzida e adoptada à cena portuguesa por Henrique Galvão.

E' interpretada por Madalena Sotto, Barreto Poeira, Raúl de Carvalho e outros elementos, prevendo-se, por isso, novo sucesso.

Praça de touros

Depois de sofrer grandes reparações, que a tornaram uma das melhores praças da província, vai ser vistoriada brevemente e visitada pela imprensa a praça de touros de Viseu.

A inauguração da época realizar-se-á no dia 29 com uma garraiada.

Consultas médicas

Tendo sido nomeados médicos especialistas privativos da *Federação das Caixas de Previdência*, em Lisboa, os srs. drs. Afonso Simão e Jeremias Tavares da Silva, passam a dar as suas consultas nesta cidade às quintas-feiras e domingos.

Funcionalismo

A seu pedido, foi transferido da Direcção de Finanças desta cidade para a de Coimbra o 3.º oficial sr. João Paulo do Nascimento Bravo, a quem agradecemos os seus cumprimentos de despedida.

Aquela vaga foi preenchida pelo sr. Abel Ferreira de Carvalho há pouco, promovido.

* * *

Acaba de ser colocado, como aspirante de Finanças, na Secção de Figueira de Castelo Rodrigo o nosso conterrâneo João Costa, que já para ali seguiu.

Abastecimento público

—o—

A coisa vai-se chegando ao rêgo...

Por determinação ministerial deixou de estar condicionado o transito da batata em todo o país, estando já a vender-se, em alguns pontos, êste alimentar tuberculo a menos de 2$00 o quilo. E' que veio muito de fóra—tanta que até apodreceu alguma—e há enormes quantidades na terra que hão-de fatalmente manter a fartura.

Igualmente entraram em comércio livre as massas alimentícias.

Sôbre fruta, os comerciantes de bananas e os vendedores de cerejas teem abusado, mas talvez não seja duradoura essa atitude porque a fiscalização poz-se em campo e alguns já andam de perna no ar...

Quanto a ceias: o *Diário do Govêrno* publicou um despacho pelo qual o sr. Sub-Secretário do Comércio e Indústria determina que todos os estabelecimentos que forneçam comidas podem, à vontade, servir almoços, jantares e ceias compostos por sopa ou acepipes, um prato de peixe ou de mariscos—que bom!—um prato de carne, queijo ou doce e fruta à escolha do cliente e fornecidos aos preços indicados nas ementas. Só não é permitido servir doce de ovos, mesmo como guarnição doutras doçarias, bolos com manteiga fresca ou *chantilly*, ou com cobertura de claras de ovo.

Isto naturalmente para que se não acabem e com eles as galinhas e os galos...

Navio-motor

Nos estaleiros de S. Jacinto foi no domingo lançado à agua outro barco, que se destina ao comércio, mandado construir, em ferro, pela firma Bagão Nunes & Machado, L.da.

Recebeu o nome de *Nereus*, tendo sido madrinha a sr.ª D. Maria Pessanha.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a menina Maria Ruth de Sousa Morgado, aplicada aluna do Liceu de José Estêvão, e filha do negociante sr. Viriato Patrício do Bem; no dia 10, o joven violinista Manuel Lopes da Silva, filho do sr. Manuel da Silva, residente na capital, e o sr. Misael Rodrigues Marques, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); em 11, o desembargador sr. dr. Jaime de Melo Freitas; em 12, o sr. Francisco José Pinto, filho do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e em 13, o sr. Manuel da Silva Corado, acreditado ourives e relojoeiro.

Gente nova

Em Espinho baptisou-se, domingo, a filhinha do nosso amigo Júlio Ferreira Dias, chefe da Estação Telegrafo-Postal daquela vila e de sua esposa a sr.ª D. Maria José F. Palminha Dias, também funcionária dos C. T. T., tendo servido de padrinhos a sr.ª D. Deolinda Dias, tia da creança, e o sr. José Júlio Ferreira Leitão.

Recebeu o nome de Maria de Fátima.

Partidas e Chegadas

Em goso de férias seguiu no rápido de segunda-feira para a capital o nosso amigo sr. tenente-coronel Manuel Martins dos Reis, 2.º comandante de Infantaria 10.

—De regresso de Luanda (Angola) chegou à sua vivenda desta cidade o sr. Mapril Guerra Orfão, que vem de magnífico aspecto.

Abraçâmo-lo.

—Estiveram nesta cidade os srs. Colares Pinto, gerente da filial do Banco N. Ultramarino de Braga; padre Manuel Rodrigues de Almeida, de Vilarinho do Bairro; Diamantino Jorge, da Taipa; Albano Simões de Oliveira, de Requeixo, e Emílio da Paula, residente em Penela.

Doentes

Esteve bastante doente, encontrando-se, felizmente, melhor, a gentil professora da escola de Mataduços D. Maria Irene dos Santos Cruz, dilecta filha da sr.ª D. Irene Cruz, também professora, e de seu marido o sr. Francisco Simões Cruz, empregado da Agencia do Banco de Portugal.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

LIVROS, LIVROS, LIVROS

O nosso venerando amigo, Gomes de Carvalho, livreiro bem conhecido, fundador da *Central*, de Lisboa, pesando-lhe já os anos que cinu duma vida de trabalho intenso, arduo, persistente e precisando de descançar, entregou a casa a uma filha, já há muito sua auxiliar e apresenta, por despedida, um Catálogo de obras escolhidas que enviará a quem o solicite à *Livraria Central*, Av. Almirante Reis, 14 a 14 c.—Lisboa.

Aos nossos assinantes de longe

E' agora ocasião de também apelarmos para eles, por alguns trazerem bastante atrazadas no pagamento as suas assinaturas.

Nas costas **Oriental** e **Ocidental da Africa**, na **Guiné**, na **América do Norte**, no **Brasil** e **noutros pontos do estrangeiro** não temos possibilidade de fazer cobrança pelo correio, atendendo a que fica dispendiosa, o mesmo sucedendo por intermédio das casas bancárias. Há, porém, uma maneira cómoda e prática de se resolverem as dificuldades, que é os assinantes virem directamente até nós, ou por intermédio de suas famílias, como alguns fazem.

O Democrata—continuamos a dizer—atravessa a maior crise da sua existência, com a agravante de não estarmos dispostos a elevar mais os preços que tem. As despesas, contudo, não decrescem e só para as equilibrar com a receita ninguém calcula o trabalho que isso dá. Nesta ordem de ideias, parece-nos que não devemos ter vergonha de pedir, de solicitar a quantos recebem o jornal e a ele se acham em dívida, o seu auxílio monetário que apenas consiste no envio das importâncias atrazadas e que tanta falta fazem à administração nesta hora crítica que atravessamos.

A todos que nos atenderem, desde já lhes ficamos imensamente gratos.

Vejam se aprendem...

—o—

Tem a palavra um cronista:

. . . .

Aqui há uns vinte e tal anos surgiu em Lisboa a nefasta mania da poda das árvores ornamentais, exageradamente feita, de forma a deixa-las mutiladas na sua melhor expressão de beleza. Foi a isso que se chamou desde logo, a *tosquia à-garçonne*, crime monstruoso de que a província numa macaqueação, usou e abusou. Discutiu-se o feito, protestou-se contra essa monstruosidade, e há uma dezena de anos para cá, pouco mais ou menos, surgiu na Câmara Municipal de Lisboa alguem com miolo, olhos de ver, e sentimento de artista, e o corte *à-garçonne* foi posto de parte. O que se tem conseguido nestes últimos dez anos, sob êsse ponto de vista, é um assombro de bom gosto, de arte, de beleza. Lisboa está cheia de lindos exemplares. Neste trajecto que eu faço todos os dias, é um encanto. Começa no Largo do Calvário, segue-se a Avenida 24 de Julho, o pequenino e airoso jardim de Santos, a Praça Duque da Terceira, o Cais do Sodré. Árvores lindíssimas, alargando os seus ramos sôbre os passeios, enchendo de beleza e de frescura as ruas dos jardins e os arruamentos das praças. Que venham agora a Lisboa todos esses que por essas terras da província se apressaram a imitar o corte *à garçonne*, e vejam esta transformação. Que meditem no crime monstruoso que cometeram e emendem essa traição à beleza e à Natureza, penitenciando-se desse crime e dando às suas ruas, praças e avenidas, as árvores que lhes faltam.

* * *

Também Lisboa, mercê desse crime, era uma cidade quási sem árvores. Hoje tudo se modificou. Há árvores por tôda a parte. O homem, os homans, ou a repartição que na nossa Câmara Muniaipal têm a seu cargo êste pelouro, mostram ter visão de artista e amar as árvores. Nunca Lisboa, no último século, teve tantas árvores e tão lindas como tem hoje, esquecidas as do Jardim Público que a necessidade imperiosa da Avenida da Liberdade deitou abaixo. Escrevo isto com prazer e entusiasmo. E recordo com tristeza, com mágoa profunda, certos espectáculos selvagens e criminosos de que tenho dado fé nalgumas terras que tenho visitado: Estarreja, cuja praça principal, ampla, larga, majestosa, me deu a dolorosa impressão dum *paliteiro* de troncos retorcidos; a Póvoa, com suas árvores infezadas e raquíticas; certo largo de Fão com meia duzia de côtos repelentes, etc., etc... Meditem neste salutar exemplo do Município olissiponense, todos os municípios do país que numa hora má, imitaram a Lisboa de há trinta anos. Agora, sim; agora é que é imitá-la. Cada árvore é um monumento de ternura. A árvore é a maior amiga do homem. Dá-lhe o seu berço, a sua sombra, os seus frutos, e até, no último momento, lhe oferece o seu derradeiro aconchego. Ferir uma árvore é ferir a Natureza nossa Mãe, nosso celeiro, nosso *habitat* terreno. E' preciso, é necessário, que os homens que tomam conta dos nossos municípios deixem de ser selvagens, trogloditas, inimigos da árvore. Plantar árvores é prestar culto à beleza. Uma terra sem árvores, é um deserto. As árvores purificam o ambiente, dão lhe magestade e saúde. Bendita seja a mão do homem que presta êste culto à Natureza, que a enche de graça, que a purifica em amor e ternura.

Ainda o ano pasado nos insurgimos contra o que se fez no antigo Jardim de Santo António, com aprovação da Câmara—a Câmara, pelo visto, aprova tudo!—e já este ano consentiu na poda, *à-garçonne*, também, das árvores da Avenida Dr. Artur Ravara, só faltando mandar decepa-las, como aconteceu às do Jardim.

Tenham paciência os srs. édis, mas não há o direito de reincidirem, fazendo pouco da cidade, dos seus sentimentos e do que possue em estimação.

Um dia ouvimos dizer que alguem teve a ideia de transformar o arruamento da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, resultando de aí, desse projecto contra o qual o *Democrata* já emitiu opinião, o corte de todas as árvores! Se isto é ou não verdade, ainda estamos à espera de o ver confirmado. No entretanto achamos que o exemplo da Câmara de Lisboa deve ser seguido na província.

Como aconselha o cronista.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CASA DE CRÉDITO POPULAR
Agência n.º 45
AVEIRO

Avisam-se os mutuários que no dia 14 de Julho próximo futuro, pelas 13 horas, se realiza na Agencia n.º 7 desta Casa de Crédito Popular—Rua Fernandes Tomaz n.º 553, Porto, o leilão de penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atrazo de mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 11 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 31 de Maio de 1947.

O Chefe da Repartição
a) FRANCISCO CORDEIRO

Club dos Galitos

O sorteio da máquina *Bernina* que devia realizar-se no corrente mez, pela lotaria de Santo António, fica adiado para a próxima lotaria do Natal.

Lenha de fábrica

de 68 a 70 cm. de comprimento. Estamos compradores de cem a mil estéres, por contracto, nas condições habituais das Fábricas.

Falar em Ilhavo com Anibal Veiga ou Joaquim Ferreira.

Terreno

Vende-se próprio para construções, com duas frentes, próximo da passagem de nível de Esgueira. Tratar com José dos Reis, Rua Almirante Reis—AVEIRO.

Estanca-rios

para tirar água de dentro do pôço e outro fora, vende-se. Dirigir a Francisco Valério Mostardinha—Nariz.

Propriedade murada

Vende-se na Forca, perto da Estação do Caminho de Ferro. Dirigir à *Farmácia Osório*.

Perdeu-se

cigarreira de casca de tartaruga com armação de prata. Gratifica-se quem a entregar na *Sociedade de Vinhos Scalábis, L.ª*.

Farmácia

Trespassa se em Eixo, concelho de Aveiro a Farmácia Figueiredo por motivo de falecimento do proprietário. Tratar com os herdeiros que se encontram na referida localidade até 15 do corrente.

Pracista-viajante

Precisa-se para armazem de mercearia desta cidade. Nesta Redacção se informa.

Casa para comércio

e habitação devoluta ao comprador, vende-se na Rua Tenente Rezende n.º 44 a 48.

Ver e tratar Rua dos Marnotos, 49.

Engenho de ferro

Vende-se para rega. Dirigir a Belmiro Fernandes (funileiro)—EIXO.

Casa

Vende-se no centro da cidade com rez do chão e 1.º andar. Dirigir à Rua de Arnelas, 19.

NECROLOGIA

Armando Ferreira da Costa

Finou-se no último sábado, após alguns meses de doença. Gosou a vida, tirando dela o máximo proveito, pois era dotado dum espírito boémio e folgazão e duma alegria comunicativa, a que aliava um constante bom humor. Era o que se chama um gracejador impenitente, possuindo uma roda de amigos que muito apreciavam a sua vivacidade e desenvoltura, a sua *verbe* e as suas atitudes joviais.

Empregado da Agência do Banco de Portugal durante largos anos, achava-se agora aposentado, dedicando-se a negócios que o faziam andar num constante labirinto.

E' de menos uma figura curiosa da nossa terra, devido ao seu temperamento irrequieto, ao seu dinamismo e à graça que brotava de todas as suas conversas.

Foi a enterrar, domingo, no cemitério central, onde o acompanharam muitos dos seus amigos, colegas e outras pessoas que com ele privaram. Com mágoa o vimos, também, partir, aos 60 anos, deixando este mundo de ilusões e a vida com todos os seus prazeres.

A quantos pranteiam o seu desaparecimento, nomeadamente à sua viuva, filhos, genros e demais família, manifestamos o nosso pesar.

* * *

No bairro piscatório sucumbiu aos estragos duma grave enfermidade o menino Pompeu da Cruz Ferreira, filho do sr. Américo Vicente Ferreira. Tinha 11 anos, apenas, e no seu entêrro, realizado para o cemitério sul, incorporou-se grande número de crianças.

Deixou imensas saudades.

* * *

Em S. Bernardo deixou de existir, com 67 anos, o cónego José Simões Maio, que foi sepultado no mesmo cemitério, depois dos ofícios de corpo presente na capela do lugar. Fez os preparatórios no liceu de Aveiro, tendo gosado sempre da consideração e estima dos seus conterrâneos.

Lamentamos o seu passamento.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 8 de Junho (às 15,30 e 21,30 horas)

Sudão

Terça-feira, 10 (às 21,30 h.)

Os mistérios da vida

Quinta-feira, 12 (às 21,30 h.)

O. S. S.

Em 14 e 15:

O meu destino é o mar

Horário dos combóios

Partida para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	10,29 (tram.)
12,56 (rápido)	11,49 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,54 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chega um tram. às 21,07 que não segue.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,54	10,34
15,25	19,09
17,38	23

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Teatro Aveirense

S. A. R. L.

AVEIRO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

(1.ª CONVOCATÓRIA)

Por todos os srs. accionistas eleitos para os cargos directivos para o triénio de 1947/1949, me terem pedido escusa dos respectivos cargos, convoco para as 14 horas do dia 22 de Junho, na Séde Social, uma Assembleia Geral Extraordinária com a seguinte Ordem do Dia:

Eleições dos Corpos Directivos, incluindo a do Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Aveiro, 3 de Junho de 1947.

O Presidente da Mesa da A. Geral

Jacinto Leopoldo Monteiro Rebocho